



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ - UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**



SÍLVIO JOSÉ ALVES GOMES BEZERRA

**MEMÓRIAS EMERGENTES: OS IMPACTOS CAUSADOS PELAS ENCHENTES
NO MUNICÍPIO DE PICOS NA DÉCADA DE 1960**

**PICOS-PI
2014**

SÍLVIO JOSÉ ALVES GOMES BEZERRA

**MEMÓRIAS EMERGENTES: OS IMPACTOS CAUSADOS PELAS
ENCHENTES NO MUNICÍPIO DE PICOS NA DÉCADA DE 1960**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade
Federal do Piauí -UFPI como
parte dos requisitos finais para
obtenção do título de Licenciado
em História.

Profº Orientador: Dr. Francisco de
Assis de Sousa Nascimento.

FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

B574m Bezerra, Sílvio José Alves Gomes.

Memórias emergentes: os impactos causados pelas
enchentes no município de Picos na década de 1960 / Sílvio José
Alves Gomes Bezerra. – 2014.

CD-ROM : il; 4 ¾ pol. (50 f.)

Monografia(Licenciatura Plena em História) – Universidade
Federal do Piauí. Picos-PI, 2014.

Orientador(A): Prof. Dr. Francisco de Assis de S. Nascimento

1. História. 2. Memória. 3. Cidade. 4. Rio Guaribas. I.
Título.

CDD 907.2



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros
Coordenação do Curso de Licenciatura em História
Rua Cícero Duarte Nº 905. Bairro Junco CEP 64600-000 - Picos- Piauí
Fone: (89) 3422 2032 e-mail: coordenacao.historia@ufpi.br

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Ao dia 09 (nove) do mês de Janeiro de 2015, na sala do Laboratório de Ensino de História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, reuniu-se a Banca Examinadora designada para avaliar a Defesa de Monografia de **SILVIO JOSÉ ALVES GOMES BEZERRA**, sob o título **HISTÓRIA E MEMÓRIA: OS IMPACTOS CAUSADOS PELAS ENCHENTES NO MUNICÍPIO DE PICOS NA DÉCADA DE 1960**.

A banca constituída pelos professores:

Orientador: PROF. DR. FRANCISCO DE ASSIS DE SOUSA NASCIMENTO
Examinador 1: PROF. ME. MARCOS VINÍCIUS HOLANDA SOUSA
Examinador 2: PROF. ME. NAUDINEY DE CASTRO GONÇALVES
Suplente: PROF^a DR^a NILSÂNGELA CARDOSO LIMA

Deliberou pela Aprovação do (a) candidato (a), tendo em vista que todas as questões foram respondidas e as sugestões serão acatadas, atribuindo-lhe uma média aritmética de 8,0.

Picos (PI), 09 de Janeiro de 2015.

Orientador (a): Francisco de Assis de Sousa Nascimento
Examinador (a) 1: Marcos Vinícius Holanda Sousa
Examinador (a) 2: Naudiney de Castro Gonçalves

Dedico aos meus queridos pais, com muito amor carinho e dedicação, por se sentirem orgulhosos da realização de mais uma conquista na minha vida.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, aos meus pais, (Maria Da Paz e José Gomes) a minha gratidão é eterna a vocês. Não existem palavras suficientes para expressar meu agradecimento. Ao meu irmão, que sempre esteve ao meu lado e que é muito importante para mim.

A minha namorada, pelo amor e por estar sempre presente com um sorriso amigo. O meu sucesso é fruto da sua compreensão também.

Aos mestres que dedicaram seu tempo e sua experiência e muito mais que Professores, foram amigos. Em especial agradeço ao professor Francisco de Assis de Sousa Nascimento, meu orientador, que me transmitiu seus conhecimentos e compartilhou as suas experiências.

Em especial, agradeço aos meus colegas de sala de aula que sempre mim ajudaram na construção desse trabalho.

Enfim, a todos que de alguma forma, contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho, o meu muito obrigado!

RESUMO

O trabalho tem como objetivo geral reconhecer os impactos causados pelo fenômeno da enchente que aconteceu na cidade de Picos a partir dos fragmentos da memória coletiva e individual que as fotografias proporcionam. Do ponto de vista da cronologia, o trabalho se utilizou de um recorte temporal que é o marco na história da cidade de Picos é a década de 1960, considerando que a perspectiva de desenvolvimento urbano no Brasil intensificou-se de maneira mais acentuada no século XX. As enchentes no município de Picos se configuram hoje para a história desse município como um importante fato histórico. Para a realização deste trabalho, foi utilizado como método ou técnica a História Oral, onde se considera que esta metodologia possui enorme capacidade de retomar informações sobre fatos que nem sempre foram cuidadosamente registrados em outras fontes documentais, bem como ainda permite visualizar diferentes concepções sobre um mesmo fato. A fonte de pesquisa fundamental para a análise do período das cheias foram as fotografias. Como já foi dito, as fotografias analisadas ao longo deste estudo foram localizadas no Museu Ozildo Albano. Tal material se revelou muito importante, pois através da leitura das imagens puderam ser acrescentadas novas possibilidades de análise do período em estudo. A construção das cidades significa também a construção de uma forma escrita, pois ambas são construídas a partir da necessidade de memorização e da gestão do trabalho coletivo. Conforme se pode observar, são muitos os trabalhos emergentes na construção da história de Picos e isso é um fato animador para o campo da História tendo em vista que se expressam nestes trabalhos que pouco a pouco vão surgir e discutir os conceitos de História e Memória. Em especial neste trabalho, discutir a enchente de Picos se tornou relevante não somente pela memória do fato, mas pelas consequências que este desencadeou e porque também se configura como um dos capítulos mais tristes da história da cidade.

Palavras-chaves: História. Memória. Cidade. Rio Guaribas. Enchentes. Picos.

ABSTRACT

The paper's general objective is to recognize the impacts of the flood phenomenon that happened in the city of Picos from the collective and individual memory fragments that photographs provide. From the point of view of chronology, the work was used a time frame that is the landmark peaks of the city's history is the 1960s, whereas the urban development perspective in Brazil intensified more pronounced way in the twentieth century . The floods in the municipality of Picos are configured today for the history of this city as an important historical fact. For this work, was used as a method or technique to Oral History, where it is considered that this methodology has enormous capacity to resume information on facts that were not always accurately recorded in other documentary sources and still allows you to view different conceptions of one same fact. The fundamental source of research for the analysis of the period of the floods were the photographs. As already stated, the photographs analyzed throughout this study were located in the Museum Ozildo Albano. Such material has proved very important because by reading the images could be added new possibilities for analysis of the survey period. The construction of the city also means the construction of a written form, as both are built from the need for storage and management of collective work. As can be seen, many emerging jobs in the construction of the history of Peaks and this is an encouraging fact for the field of history in order to express themselves in this work that little by little will emerge and discuss the concepts of History and Memory. In particular in this work, discuss the flood peaks became relevant not only for the fact of memory, but the consequences that this triggered and because it also is configured as one of the saddest chapters in the history of the city.

Keywords: History. Memory. City. Rio Guaribas. Floods. Peaks.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: O município de Picos no início do século XX.....	26
Figura 02: vista da cidade de Picos inundada pela enchente.....	28
Figura 03: casas alagadas pela enchente de 1960.....	40
Figura 04: casas atingidas pelas águas da enchente e populares observando.....	41
Figura 05: população picoense observando as ruas alagadas	43
Figura 06: pessoas em frente as casas alagadas pelas chuvas.....	45
Figura 07: casas destruídas pelas enchentes.....	46
Figura 08: casas destruídas	47
Figura 09: ruas destruídas pela enchente.....	48

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 A FORMAÇÃO DAS CIDADES PIAUIENSES.....	13
1.1 Formação do espaço urbano.....	15
2 HISTÓRIA E MEMÓRIA DAS NARRATIVAS.....	17
2.1 O Estudo da História Local e sua relevância para compreensão dos fatos.....	17
2.2 A Memória.....	19
2.3 Memória individual.....	21
2.4 Memória Coletiva.....	22
3 AS ENCHENTES NO MUNICÍPIO DE PICOS-PI NA DÉCADA DE 1960.....	23
3.1 Percurso Metodológico.....	23
3.2 Universo da Pesquisa.....	24
3.3 História e Memória das enchentes em Picos na década de 1960.....	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
REFERENCIAS.....	51

INTRODUÇÃO

A presente monografia tem como objeto de estudo as memórias emergentes: o impacto das enchentes de 1960 na cidade de Picos-PI.

O trabalho tem como objetivo geral reconhecer os impactos causados pelo fenômeno da enchente que aconteceu na cidade de Picos a partir dos fragmentos da memória coletiva e individual que as fotografias proporcionam.

É grande a carência de conhecimento da população sobre a história do município, e isso se deve em partes pela ausência de escritos sobre tal tema, como também pelo desinteresse por partes de alguns em divulgar a História do Município. Somente nos últimos anos é que vem surgindo pesquisadores graduados em História que possuem interesse em escrever sobre a história da cidade.

Do ponto de vista cronológico, o trabalho enfatiza os anos de 1960, por se tratar do período político e urbanístico da cidade. Propõe-se uma discussão sobre a criação do município, e para compreender o processo de povoamento foi realizado um retorno, de forma resumida, ao processo de colonização, povoamento e posterior formação das primeiras cidades do Piauí, objetivando uma melhor compreensão do processo de formação e, principalmente, urbanização do município de Picos.

Além disso, o tema é passível de relevância crescente, pois permite ao pesquisador ampliar seu objeto de estudo e aprofundar o conhecimento científico que está vinculado à essa temática, considerando que o tema pode ser discutido à luz de diversas vertentes ou perspectivas históricas de que a História dispõe como a História Social, a Memória, a História Cultural.

Sendo assim, as razões pelas quais se deu a escrita deste trabalho deve-se a alguns fatores, entre os quais pode-se aqui destacar a viabilidade e a importância que o tema apresenta, as questões pessoais e as perspectivas profissionais/acadêmicas.

A reflexão acerca da História das cidades se justifica em função dos vínculos naturais do autor do trabalho com a urbe e diante da necessidade de, na figura do historiador, conhecer a história da cidade de Picos. Além da relevante contribuição que o trabalho irá trazer, uma vez que ampliará a discussão e se somará aos demais trabalhos já existentes.

Do ponto de vista da cronologia, o trabalho se utilizou de um recorte temporal que é o marco na história da cidade de Picos é a década de 1960, considerando que a perspectiva de desenvolvimento urbano no Brasil intensificou-se de maneira mais acentuada no século XX. As enchentes no município de Picos se configuram hoje para a história desse município como um importante fato histórico.

Para a realização deste trabalho, foi utilizado como método ou técnica a História Oral, onde se considera que esta metodologia possui enorme capacidade de retomar informações sobre fatos que nem sempre foram cuidadosamente registrados em outras fontes documentais, bem como ainda permite visualizar diferentes concepções sobre um mesmo fato.

A fonte de pesquisa fundamental para a análise do período das cheias foram as fotografias. Como já foi dito, as fotografias analisadas ao longo deste estudo foram localizadas no Museu Ozildo Albano. Tal material se revelou muito importante, pois através da leitura das imagens puderam ser acrescentadas novas possibilidades de análise do período em estudo

Por outro lado, inegável é a importância da pesquisa bibliográfica que traz alguns trabalhos necessários a essa construção como é o caso do tema História das Cidades, de Raquel Ronilk cuja discussão para ser analisada se fez relevante entender e tecer comentários em torno dos conceitos de cidade e espaço urbano. Dessa forma, utilizou-se a obra “O que é cidade?” da autora Raquel Ronilk e os estudos de Winstin Kleiber de Almeida Bacelar (2009) e “O espaço Urbano” (Correa, 2003).

Como se trata de um trabalho de memória, a obra de Maurice Halwachs também se tornou relevante dado que esta em virtude de seu objeto faz uso da memória individual e coletiva, conceitos explicados por esse autor.

Como metodologia, utilizou-se o método da história oral, por meio de análise documental de fotografias que indiretamente retratam tais acontecimentos. Não se tornaram possíveis as entrevistas com as personagens que diretamente construíram a história do município, pois são todos falecidos.

Dessa forma, o estudo está organizado em três capítulos: o primeiro que discute a formação das cidades, o segundo que analisa o trabalho com a memória e o terceiro que traz a análise das fotografias da enchente de Picos no ano de 1960, seguido das considerações finais e referências do trabalho.

1 A FORMAÇÃO DAS CIDADES PIAUIENSES

A construção das cidades significa também a construção de uma forma escrita, pois ambas são construídas a partir da necessidade de memorização e da gestão do trabalho coletivo (RONILK, 2004, p. 16).

De acordo com essa autora, o desenho das ruas, praças, e templos evidenciam a experiência de seus construtores e, por isso, denota o mundo destes, daí porque se permite a leitura, releitura e a decifração desta tal como um texto. Assim sendo, discutir a cidade ou pensá-la enquanto objeto de estudo é construir uma rede de significados moveis. Ronilk, (2004, p. 18) pontua que “a arquitetura da cidade é, ao mesmo tempo, continente e registro da vida social” e levou, por extensão, à preservação do que vem a ser uma memória coletiva de um povo.

Trabalhar o processo de urbanização das cidades é necessariamente discutir a memória de um povo, levando-se em consideração que é por meio desta que um grupo social conserva informações e atualiza impressões ou informações passadas (LE GOFF, 1924).

No estudo do recorte espaço-temporal cabe inserir o pensamento de Le Goff (1924) que diz que “o estudo da memória social é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história, relativamente aos quais a memória ora estar em retraimento, ora está em transbordamento”.

Assim sendo pelo exposto acima percebe-se que a civilização humana fez uso da memória muito embora esse uso da memória, todavia, o que cumpre salientar é a presença da memória na história de um povo que, ao se tornar objeto de estudo, indubitavelmente propõe a retomada nemonística de um grupo social deste objeto.

De acordo com Lara Moura (2010, p.) para José Honório Rodrigues, a função da História é ajudar a humanidade a compreender o tempo presente, isto é, o processo econômico, político, social e cultural que rege a realidade, caso contrário, os cronistas e jornalistas se apossarão de seu papel social. Segundo ele:

A História não é dos mortos, mas dos vivos, como uma realidade presente, obrigatória para a consciência. [...] Esta é a situação da historiografia universal, ou ela volta de novo a olhar a floresta e não apenas as árvores, oferecendo uma interpretação generalizadora que ajude os vivos a compreender as raízes do presente, ou então ela se afastará cada vez mais do grande público e se limitará ao círculo dos profissionais.

Em A escrita da História, Michel de Certeau afirma que devemos considerar a história, uma operação constituída de um lugar social, de práticas científicas e de escrita. Esta, por sua vez, “se constrói em função de uma Instituição cuja organização parece inverter: com efeito, obedece a regras próprias que exigem ser examinadas por elas mesmas.” Para Certeau, o saber, de uma forma geral, já nasce associado a uma instituição, como as assembleias de eruditos e as Academias. São elas, que determinam o tipo de produção científica que deve ser realizado pelos intelectuais. Dessa forma, entender a relação da história com um lugar, torna-se fundamental para conhecer nossa sociedade. “Levar a sério o seu lugar não é ainda explicar a história. Mas é a condição para que alguma coisa possa ser dita sem ser nem legendária (ou edificante”), nem a-tópica (sem pertinência).”

A instituição serve, tanto para dar estabilidade social aos historiadores, quanto para proporcionar credibilidade ao seu discurso, pois é ela que gere as leis da aceitação de um trabalho científico, isto é, que legitima a qualidade de uma obra, perante os seus pares intelectuais.

No estudo intitulado Entre memória e história: a problemática dos lugares, Pierre Nora afirma que as instituições político-culturais seriam lugares de memória, cuja função seria parar o tempo, bloquear o trabalho de esquecimento, imortalizar o passado, materializar o imaterial para prender o máximo de sentido num mínimo de sinais. Além dos lugares de memória tradicionalmente conhecidos (museus, arquivos, bibliotecas, monumentos, etc), os acontecimentos, as obras, e o próprio gênero histórico, também constituiriam lugares de memória, isto é, lugares ambíguos, que ao mesmo tempo, seriam fechados sobre si mesmo e abertos sobre a extensão de suas significações. Eles são lugares de memória, justamente, porque não existe mais uma memória verdadeira, mas sim, uma voluntária, considerada um dever, a qual se apoia, substancialmente, no vestígio, na imagem, no que mais existe de material concreto: a memória de papel, arquivista, onde existe:

[...] uma memória na qual não mais habitamos, semi-oficiais e institucionais, semi-afetivos e sentimentais; [são] lugares de unanimidade sem unanimismo que não exprimem mais nem convicção militante nem participação apaixonada, mas onde palpita ainda algo de uma vida simbólica.

O estudo dos lugares se insere na perspectiva de dois movimentos, quais sejam: o historiográfico, isto é, de reflexão sobre o fazer da História; e o histórico, a

concretização do fim da memória. “O tempo dos lugares, é esse momento preciso onde desaparece um imenso capital que nós vivíamos na intimidade de uma memória, para só viver sob o olhar de uma história reconstituída.” Por isso, nossas sociedades condenadas ao esquecimento, necessitam da História, ou seja, de uma representação sempre problemática e incompleta do passado, que demanda análise e discurso crítico

1.1 Formação do espaço urbano

De acordo com Sandra Jatahy Pesavento (2004, p. 77) durante algum tempo, estudo das cidades era feito sob uma abordagem quantitativa e também evolutiva, cujo objetivo dessa abordagem era descrever a história da cidade, retratando assim a evolução desta. Dessa forma, não se tinha com isso, uma reflexão em torno do processo de urbanização.

Com o passar do tempo, percebeu-se que o estudo da cidade sob tal ótica não permitia a análise material desta e nem abria a possibilidade desse estudo incorrer a alguns sentimentos como o sonho e medo de uma população e assim, refletir em torno das relações cotidianas com seus cidadãos.

Na visão de Barros (2007, p. 17) foi somente no século XX que a cidade passou a ser analisada sob diversos ângulos, dos quais pode-se destacar o aspecto artefato e lugar de memória. No caso da cidade como um artefato, Barros (2007, p. 22) diz que a cidade assim vista dá a possibilidade de entender esta de uma forma geral, sendo ela percebida de forma comum pelos cidadãos. Segundo o autor, “uma cidade é seguramente o maior artefato produzido pelo homem”. Todavia, na visão de Correa (1999, p. 11) deve-se ter o cuidado de não apenas ver a cidade como algo a ser recuperado, tendo em vista que a cidade se transforma conforme busca atender às necessidades de seu povo.

Mas, de acordo com Pierre Nora (1993, p.22)

Porque, se é verdade que a razão fundamental de ser um lugar de memória é parar o tempo, é bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte, materializar o imaterial para [...] prender o máximo de sentido num mínimo de sinais, é claro, e é isso que os torna apaixonantes: que os lugares de memória só vivem de sua aptidão para a metamorfose, no incessante ressaltar de

seus significados e no silvado imprevisível de suas ramificações. (NORA, 1993, p. 22)

Desse pensamento, compreende-se que o lugar de memória é aquele que tem a capacidade de, entre outras coisas, materializar o imaterial, e tornar imortal aquilo que é mortal, isto é, a memória tem a capacidade de dar vida e sentido a algo.

Também Raquel Ronilk (2004, p. 17) diz que é possível fazer uma leitura da cidade e nessa direção, afirma que

o desenho das ruas e das casas, das praças e dos templos, além de conter a experiência daqueles que os construíram, denota o seu mundo. É por isso que as formas e tipologias arquitetônicas, desde quando se definiram enquanto habitat permanente, podem ser lidas e decifradas, como se lê e decifra um texto. (ROLNIK, 2004, p. 17)

Nesse estudo, analisa-se que na cidade de Picos, a leitura que se faz da cidade é aquele que veio após a enchente, haja visto que esta sofreu algumas mudanças consideráveis, já que foi necessário reconstruí-la.

A formação da cidade de Picos começou no povoado de Bocaina, a partir da fundação de fazendas de gado. Conforme ressalta Ferreira (1959, p. 570) foi no ano de 1955 que esta se tornou vila e em decorrência do seu crescimento econômico e demográfico foi que se elevou a categoria de cidade.

De início, a cidade cresceu e se desenvolveu tendo como base a produção agrícola e na década de 1950 eram as águas do Rio Guaribas que regavam as lavouras, fazendo com isso, germinar as plantações.

Rodrigues (2011, p. 22) diz que acerca do Rio Guaribas, este teve relevante importância para a população picoense porque garantiu a sobrevivência da população na medida que tinha papel fundamental na vida econômica da população picoense e assim, a autora enfatiza que

Picos teve vários benefícios proporcionados pelo Rio Guaribas. Ele foi o caminho para a sobrevivência de muitas famílias, o meio de desenvolvimento da cidade, o canal de diversão dos cidadãos e o elemento facilitador da higienização da população. Mas, em 1960 as águas que moviam o sonho dos picoenses se tornaram em um pesadelo real com as grandes enchentes que avassalaram a Região, como será abordado no capítulo que segue.

CAPÍTULO 02: HISTÓRIA E MEMÓRIA DAS NARRATIVAS

2.1 O Estudo da História Local e sua relevância para compreensão dos fatos

A História é um campo do conhecimento que possui particularidades conceituais que a diferenciam dos outros campos das ciências humanas. A palavra História possui diversas definições que mudam de acordo com a época e o contexto de cada uma dessas épocas. Aqui, porém, será apresentado dois dos muitos conceitos que a envolve. O primeiro conceito, refere-se à uma narrativa que interpreta, dá significado e explica as ações, pensamentos e a experiência humana no tempo. Narrar acontecimentos do presente e do passado, é uma prática cultural humana universal e necessária e enquanto tal, a história significa um modo próprio de selecionar, organizar e explicar a vida humana. Albuquerque Junior (2007, p. 63) diz:

Embora a narrativa histórica não possa ter jamais a liberdade de criação de uma narrativa ficcional, ela nunca poderá se distanciar do fato de que é narrativa e, portanto, guarda uma relação de proximidade com o fazer artístico, quando recorta seus objetos e constrói, em torno deles, uma intriga.

Uma segunda definição bastante simples e coerente foi dada por Bloch (2001) ao resumir o conceito de História numa frase curta e apropriada: “a História é a ciência dos homens no tempo”. Essa frase nos dá a noção da História remetendo-nos ao trabalho, ao ofício de pensar e problematizar os acontecimentos a partir de pressupostos teóricos, de uma metodologia e de uma racionalidade científica. Para a construção do conhecimento histórico, é necessário utilizar teorias que nos auxiliem a pensar sobre os acontecimentos no tempo. Para Rusen (2001, p. 26) nessas teorias, “a teoria da História é, pois, aquela reflexão mediante a qual o pensamento histórico se constitui como especialidade científica”.

O conhecimento histórico situa-se, portanto, na ideia de narrar os fatos históricos e problematizá-los para a reflexão crítica sobre seus feitos, suas derrotas e de que maneira os fatos ocorridos interferem nos dias atuais.

Os historiadores concordam que a História compreende a vida humana na perspectiva do tempo. É necessário, pois, que nesse estudo, o professor leve seus

alunos a situar os acontecimentos no tempo, compreender o sentido da duração, entender como os objetos, a natureza e as pessoas se transformam à medida que o tempo passa, daí compreender, por sua vez, como estes resistem à passagem do tempo e chegam até nós, no presente.

Nessa concepção de um estudo periodizado da História, tem-se também um elemento inovador: o conhecimento não está restrito ao estudo do passado, isto porque, a temporalidade, em suas múltiplas dimensões, é uma perspectiva privilegiada pelo conhecimento histórico hoje. O conceito de História traz consigo também, além destes, outro elemento importante: o estudo dividido em períodos é sempre reatualizado, isto é, a compreensão que se tem dos acontecimentos passados é sempre reelaborado no presente.

Cada época e cada sociedade atribuem significados diferentes ao mesmo conjunto de acontecimentos passados. Em cada época e em cada sociedade elaboram-se questões e problemas diferentes em relação ao passado e é por esse motivo que se diz que o conhecimento histórico é sempre re-escrito e re-elaborado. Por outro lado, esse ensino é também indireto e só acontece por meio de alguns instrumentos ou vestígios deixados em épocas passadas, uma vez que, não temos acesso ao que aconteceu no passado de forma fiel e por isso, os historiadores se apropriam destes vestígios para recontá-la.

Como saldo das revisões teóricas pode-se compreender que a História é uma narrativa sobre a trajetória humana e que o tempo histórico não é algo homogêneo. Enquanto construção humana, a noção de tempo e duração das coisas é diferente em cada sociedade e em cada época, daí a existência de instrumentos diferentes para seu registro e medição.

Outra ideia fundamental é o reconhecimento de que a trajetória da vida humana é marcada pelo conflito, pela disputa, e que aquilo que conhecemos por sociedade não é um simples agrupamento de indivíduos vivendo em harmonia. O que marca as diversas sociedades ao longo do tempo é a disputa pelos espaços, pelas riquezas, pelo exercício do poder. Neste cenário, a História passou a ser percebida também como um campo de lutas, vitórias e derrotas, injustiças e desigualdades, enfrentamentos.

É também possível ainda, destacar outro aspecto importante da renovação do conhecimento histórico resultou da aproximação da História com a Antropologia (BURKE, 1992). Desse encontro resultou a noção de que a cultura, enquanto

conjunto de valores, práticas, rituais e símbolos construídos social e historicamente, são fundamentais na construção da identidade dos indivíduos e dos povos. O conhecimento histórico deve ajudar a desenvolver a diversidade cultural dos povos que nos enriquecem com suas diversas contribuições e a preservação delas se constitui num direito coletivo de cada cultura: a decisão sobre quais valores e práticas culturais devem ser preservados ou não é responsabilidade de cada sociedade e daí surge o princípio da autonomia e da liberdade, do respeito e dos costumes de cada povo.

O ensino de história local apresenta-se como um ponto de partida para a aprendizagem histórica, pela possibilidade de trabalhar com a realidade mais próxima das relações sociais que se estabelecem entre educador / educando / sociedade e o meio em que vivem e atuam (BARROS, 2012)

Nessa perspectiva, admite-se a visão de Carlos Henrique Farias de Barros (2012) ao enfatizar que o ensino-aprendizagem da História Local configura-se como um espaço-tempo de reflexão crítica acerca da realidade social e, sobretudo, referência para o processo de construção das identidades destes sujeitos e de seus grupos de pertença.

2.2 A Memória

Segundo pontua Barros (2012) a História, como memória, também é uma representação do passado, porém suas características a diferenciam, às vezes provocando um grave afastamento das duas – memória e História.

Segundo pontua ainda esse autor, inegavelmente a distinção entre memória e história, portanto, existe no próprio meio em que ambas se propagam e assim, se pode afirmar que “a memória se propaga e se corporifica no mundo da via; a História tem seu habitat na historiografia” (BARROS, 2012).

Portanto, pode-se afirmar que:

Um compromisso fundamental da história encontra-se na sua relação com memória. É necessário chamar a atenção dos alunos para os usos ideológicos a que a memória histórica está sujeita que muitas vezes constituem “lugares de memória”, estabelecidos pela sociedade e pelos poderes constituídos, que escolhem o que deve ser preservado e lembrado e o que deve ser silenciado e “esquecido” (BARROS, 2012)

Com esse pensamento, Barros (2012) quer dizer que se enfatiza também a riqueza que o conceito de memória vem adquirindo no âmbito da história. Na visão deste autor, é possível observar que se “evidencia, por exemplo, que os lugares da memória são criações da sociedade contemporânea para impor determinada memória” e que esta sociedade, em sua concepção de memória nacional ou identidade regional constitui formas de violência simbólica que silenciam e uniformizam a pluralidade de memórias associadas aos diversos grupos sociais.

Barros (2012) afirma ainda que fica evidente também o estudo da memória enquanto prática de representação social e, portanto, para o estudo das formas de regaste de memórias coletivas durante tempo esquecidas no espaço público pela memória oficial.

Ao discutir sobre a memória, Barros (2012) afirma que

A ‘Memória’, no se sentido primeiro da expressão, é a presença do passado. A memória é uma construção que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, que nunca é somente aquela do indivíduo, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social e nacional.

E conforme Peter Burke (2000), os historiadores se interessam ou precisam se interessa pela memória, considerando dois pontos de vista: como fonte histórica e como fenômeno histórico.

Sob o primeiro aspecto, além de estudarem a memória como fonte para a história, os historiadores devem elaborar uma crítica da reminiscência, nos moldes da operação de análise dos documentos históricos.

No que tange ao segundo aspecto, os historiadores devem estar interessados no que o autor denomina “história social do lembrar”. Partindo-se da premissa de que a memória social, como a individual, é seletiva, faz-se necessário identificar os princípios de seleção e observar como os mesmo variam de lugar para lugar, ou de um grupo para o outro e como se transformam na passagem do tempo.

Para Burke (2000), os indivíduos identificam-se com os acontecimentos públicos relevantes para o seu grupo: *“Lembram muito que não viveram diretamente. Um artigo de noticiário, por exemplo, às vezes se torna parte da vida de uma pessoa. Daí pode-se descrever a memória como uma reconstrução do passado”*.

Segundo Le Goff (1994, p. 477) deve haver um vínculo entre a história e a memória, pois

A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para libertação e não para a servidão dos homens.

Reconstituir memórias por meios dos monumentos, histórias de seus moradores, e pelos próprios acontecimentos locais. Para Circe Bittencourt (2004), “a memória é, sem dúvida, aspecto relevante na configuração de uma história local tanto para historiadores quanto para o ensino”.

A história, para Le Goff (ibidem) “consiste na escolha e construção de um objeto, operação que pode dar-se a partir de evocações de lembranças”, e exige, na análise das memórias, um rigor metodológico na crítica e na confrontação com outros registros e testemunhos.

Sendo assim, conforme os autores citados demonstram ser fundamental a valorização da memória como forma de recuperar a história de vida individual e coletiva.

A questão da memória impõe-se por ser base da identidade, e é pela memória que se chega à história local. Além da memória das pessoas, escrita ou recuperada pela oralidade, existem “lugares da memória”, expressos por monumentos, praças, edifícios públicos ou privados, mas preservados como patrimônio histórico. Os vestígios do passado de todo e qualquer lugar, de pessoas e de coisas, de paisagens naturais ou construídas tornam-se objeto de estudo.

2.3 Memória individual

De acordo com Silva (2012, p. 19) é importante considerar as teorizações propostas pelo sociólogo francês Maurice Halbwachs (1990), que discute a questão da memória enfatizando o seu caráter social, assim o mesmo pensa uma dimensão da memória que ultrapassa o plano individual, atentando para o fato de que nenhuma lembrança pode existir separada da sociedade.

2.4 Memória Coletiva:

O termo memória coletiva é original do sociólogo francês Maurice Halbwachs que o define da seguinte forma:

Memória coletiva é o processo social de reconstrução do passado vivido e experimentado por um determinado grupo, comunidade ou sociedade. Este passado vivido é distinto da história, a qual se refere mais a fatos e eventos registrados, como dados e feitos, independentemente destes terem sido sentidos e experimentados por alguém (HALWACHS, 1991).

A comunicação e o pensamento dos diversos grupos da sociedade estão estruturados em marcos, na verdade marcos sociais da memória. Os marcos da memória coletiva podem ser divididos em marcos temporais e marcos espaciais. Por marcos temporais entendem-se os fatos e períodos que são considerados socialmente significativos, por exemplo; uma festa, nascimento de alguém, mudança de estação, etc., onde uma recordação é reconstruída. Os marcos espaciais da memória coletiva mantêm a memória viva por mais tempo, pois é caracterizado pela lembrança ou recordação a partir de lugares; um edifício ou um lugar específico.

Halbwachs (1991) dedica uma investigação mais pormenorizada a respeito dos espaços da memória. Não é certo que para poder recordar é necessário se transportar com o pensamento fora do espaço, pelo contrário, é a imagem do espaço que, em razão de sua estabilidade, nos dá a ilusão de não mudar através do tempo, e de encontrar o passado dentro do presente, que é precisamente a forma em que pode definir-se a memória, somente o espaço é tão estável que pode durar sem envelhecer nem perder alguma de suas partes.

A memória é então o passado se encontrando no presente, e o espaço é fundamental para isto, pois as recordações serão sempre vivas ao deparar-se com ele. É claro que pensando na sociedade atual, a memória coletiva parece decompor-se devido à pluralização das instituições, inclusive se tratando de religião; os indivíduos pertencem a uma pluralidade de mundos, o espaço se fragmenta e conseqüentemente a lembrança também sofre o mesmo processo. Muito embora compreendamos esta fragmentação do mundo moderno, apresentada por Hervieu-Léger, sabe-se que a sociedade aponta para o mundo do Século XIX, a sociedade russa, onde esta pluralidade ainda é distante. A instituição, ainda que confrontada pelo niilismo, ateísmo e as demais influências ocidentais, como as

ciências modernas, é predominantemente homogênea. Além desta homogeneidade, a sociedade orientada tem sua cosmovisão bem diferente da cosmovisão ocidental, inclusive no cristianismo.

O Século XIX sofre as influências do iluminismo, sobretudo na Europa, onde a secularização é iminente, a razão se torna a “carta magna”, a visão de mundo é percebida a partir de conceitos. Porém a Rússia de Dostoiévski ainda está marcada pela mística ortodoxa, por um prisma diferente, muito embora, conforme já colocado anteriormente, sofresse as pressões ocidentais. É a partir então deste contexto que vamos pensar a memória coletiva em Dostoiévski, começando então com a aproximação e comparação da memória coletiva e memória individual.

CAPÍTULO 03: AS ENCHENTES NO MUNICÍPIO DE PICOS-PI NA DÉCADA DE 1960

3.1 Percurso Metodológico

Trata-se de um trabalho bibliográfico, sendo este desenvolvido a partir de material já elaborado relacionado ao tema em estudo que teve como base fundamental conduzir o leitor a determinado assunto e utilização das informações coletadas para o desempenho da pesquisa.

Segundo Marconi e Lakatos (2009), nenhuma pesquisa parte da estaca zero, o pesquisador busca fontes de pesquisas já existentes, documentais e bibliográficas. E com citação das principais conclusões a que outros autores chegaram, permite salientar a contribuição da pesquisa realizada, demonstrando contradição ou reafirmando comportamentos e atitudes.

Para o levantamento deste trabalho as pesquisas levaram em consideração os seguintes passos metodológicos: levantamento bibliográfico sobre a temática sugerida para a pesquisa a partir do arquivo pessoal de artigos inseridos em uma base de dados, contribuindo para o aprofundamento do conhecimento do tema investigado, permitindo também, a síntese de múltiplos estudos publicados e possibilita conclusões gerais a respeito de uma particular área em estudo (MENDES, SILVEIRA e GALVÃO, 2008).

A Revisão de Literatura tem por objetivo conhecer as diferentes contribuições científicas disponíveis sobre determinado tema. Ela oferece suporte em todas as

fases de qualquer tipo de pesquisa, uma vez que auxilia na definição do problema, na determinação dos objetivos, na construção de hipóteses, na fundamentação da justificativa da escolha do tema e na elaboração do relatório final. A partir dos artigos encontrados foi realizada uma análise e interpretação do material bibliográfico permitindo a seleção daqueles pertinentes ao objetivo do trabalho.

3.2 Universo da Pesquisa

Picos é um município brasileiro do estado do Piauí. Conhecida como Cidade Modelo e Capital do Mel. Cidade jovem, tem como principal característica social a mistura étnica pois sua população é formada por indivíduos das mais diversas partes do país. Geograficamente é cortada pelo rio Guaribas, que apesar de ser um rio temporário, alivia o famoso calor das tardes picoenses.

Situa-se na região centro-sul do Piauí. É a cidade mais desenvolvida economicamente dessa região. Essa característica aliada ao seu posicionamento geográfico lhe conferem a condição de pólo comercial efervescentes no Piauí (especialmente de combustíveis e mel). É cortada pela BR-316 (ou Rodovia Transamazônica), BR-407, BR-230 e fica muito próxima a BR-020. É uma das maiores produtoras de mel do país e destaca-se também por sediar uma unidade do Exército Brasileiro (3º BEC - Batalhão de Engenharia e Construção).

A origem do município de Picos deu-se como a maioria das cidades piauienses mais conhecidas, através da atividade econômica que era a mais desenvolvida neste território, a pecuária (criação de gado). Segundo fontes históricas acredita-se que ela deu origem no povoado de Bocaina, ligado a capital Oeiras. Inicia-se com a chegada dos primeiros fazendeiros de gado vindo de Portugal nos anos de 1740, trazendo alguns escravos e gado, ocupando grandes territórios.

A construção de uma capela em 1754 sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição pelo sertanista Antônio Borges Leal Marinho foi o marco inicial desse seu povoamento. Neste período, o território de Picos pertencia ao município de Oeiras. A família Borges Leal, que à época ocupava grandes áreas de terras nos arredores do município. Félix Borges Leal um dos descendentes fundou nessa região uma de suas mais importantes fazendas, a Fazenda Curralinho ou Retiro Curralinho, como também era conhecido, aproveitando as terras que eram favoráveis à criação do gado solto e também do rio que fornecia água em abundância.

O processo de povoamento do futuro município deveu-se ao desdobramento dessa fazenda. Recebeu o nome de Picos, devido a se encontrar em uma região rodeada por montes picosos. Local de terras férteis, desenvolveu-se rapidamente graças ao Rio Guaribas que por muito tempo abasteceu a população, oferecendo lhe água e diversas vazantes favorecendo o plantio em suas margens e várzeas.

A região de Picos por muitos anos atraiu diversas pessoas que buscavam locais para se desenvolver e negociantes vindos da Bahia e Pernambuco, que vinham para negociar animais (principalmente gado e cavalo) e alguns produtos. Era um negócio lucrativo e muito rentável.

Fato marcante na história do Nordeste foi a passagem, nos anos de 1925 e 1926, da Coluna Revolucionária de Luiz Carlos Prestes (os conhecidos Revoltosos) e das Tropas Legalistas, que vinham atrás perseguindo esses revoltosos, atemorizando toda a região com as mais adversas truculências. Em Picos, tanto os Revoltosos como as Tropas Federais passaram em janeiro de 1926 e não causaram maiores problemas, em virtude da habilidade do Prefeito (Intendente) Francisco de Sousa Santos que, com seu espírito tranquilo e conciliador, conseguiu amenizar a situação, dando segurança à família picoense.

Em 1932, a cidade de Picos passou por um período de estiagem, segundo conta foi uma das piores, mesmo com a presença do Rio Guaribas, os efeitos foram quase nulos, que por causa disso concedeu à cidade o status de abrigo seguro para os migrantes vindo de outros estados e municípios.

Figura 01: O município de Picos no início do século XX



. Fonte: Museu Ozildo Albano

Entre os anos 40 o município era apenas um aglomerado de residências de características rurais, era bastante verde devido ainda possuir mata ao redor das margens do Rio Guaribas, alguns trechos correspondia a propriedades particulares e eram dedicados a cultura de vazante realizadas durante o verão, dentre os produtos cultivados se destacavam o alface, o coentro, cebolinha, cebola e sobretudo o alho, produto no qual, o município passou por vários anos como grande produtor nacional. A outra atividade comum era a lavagem de roupas que era muito comuns grupos de mulheres utilizarem a o rio para essa finalidade. Dentre outras atividades destacavam-se, os banhos nos poços, no qual eram determinados por sexo, práticas da pesca com a utilização de anzóis, redes, tarrafas ou até mesmo com as mãos.

Essa época de ouro consagrada no município foi marcante devido a grandes alterações tanto no contexto político, social e econômico. Nos anos 50, segundo dados do censo do IBGE a população do município era de 54.713, sendo que 50.145 (91,65%) na área urbana e 4.568 (8,35%) na área rural. No mesmo ano, cresce a economia em Picos a indústria e o comércio ativo aumentando a demanda de produtos e seus consumidores, a área comercial de Picos cresce, e atualmente[¶]

hoje é uma das cidades do Piauí que mais se desenvolve ativamente, tanto que atingiu o status de Capital do Centro-sul do Estado.

Nessa época tem relatos de vários acontecimentos marcantes como a chegada da primeira sorveteria, a chegada do candidato a presidência da República pela UDN o brigadeiro Eduardo Gomes, melhorias na rede elétrica e no sistema de abastecimento d'água com a perfuração de vários poços. A partir desse período Picos passa a perder seus territórios a partir de 1954 com a perda do seu primeiro território que passaria a formar o município de Itainópolis.

A população de Picos-PI, em sua história, já sofreu situações catastróficas, com chuvas intensas, provocando grandes enchentes do Rio Guaribas, com suas águas transbordando, alagando as suas margens e atormentando cruelmente as populações ribeirinhas, sobretudo a população da própria cidade, com prejuízos incalculáveis. Segundo história dos povos que viveram esse período de caos, nesse ano foi um período chuvoso em toda região piauiense, o que causou as cheias em diversos rios, o Guaribas por exemplo foi um deles. Esse acúmulo de água que ocorreu, inundou praticamente uma grande área do município de Picos, afetando diversas várzeas, e inundando diversas ruas fazendo com que a população procurasse abrigo nas encostas dos morros (principalmente no Morro da Mariana). Há relatos que a água do rio estava tão forte que levava tudo que encontrava pela frente, como animais e árvores que foram arrancadas. Inclusive a ponte (primeira ponte construída em 1949) construída pelo Rio Guaribas não aguentou e caiu. Com o passar do tempo chegaram alimentos e roupas enviadas pelo Governo Federal.

A primeira grande enchente de que se tem notícia ocorreu nos dias 18 e 19 de janeiro do ano de 1861. Uma segunda enchente, em menor proporção, aconteceu no ano de 1904. Uma terceira grande enchente verificou-se em março de 1960, ocorrendo uma grande catástrofe, pois foram várias enchentes repetidas nos dias 9, 14, 18, 20, 23, 25, 26, 27, 28, 30 e 31 desse mês. Ocorreram mortes de pessoas, de animais, perdas de lavouras, destruição de residências, deixando muitas pessoas desabrigadas. Para se ter uma ideia mais precisa dos prejuízos sofridos, basta dizer que um proprietário em particular, o senhor Mestre Abraão, viu 111 de suas casas desabarem, ou seja, vilas inteiras.

Figura 02: vista da cidade de Picos inundada pela enchente



Fonte: Museu Ozildo Albano

Segundo o depoimento do Sr. José Manoel de Almondes que presenciou a época das enchentes relatou o seguinte:

"Foi um período de muitas chuvas, de chuvas intensas e torrenciais, choveu em muita região do Piauí, as pessoas viviam amedrontadas pela quantidade de água que acumulou em diversas ruas em Picos, muitas plantações destruídas e muitos animais mortos, me recordo muito bem da intensidade da água que foi acumulada no Guaribas. A água era tão intensa que levava tudo que tinha na frente, inclusive vi muitos animais, principalmente o gado sendo levado pela correnteza, presenciei o momento em que em que a ponte caiu, a água carregava tantas árvores que elas se prenderam nos pilares da ponte, e com a força da água ela não suportou, de repente ouvi um estralo muito forte e a ponte caiu, levando todo o material no qual a ponte era constituída. Depois que o período de enchente foi acabando, reconstruíram novamente a ponte, dando acesso a outra parte do município de Picos."

Segundo os dados do INMET (Instituto Nacional de Meteorologia), a cidade de Picos no Piauí tem a maior média anual de temperatura: 29,4°C.

Localiza-se a uma latitude 07°04'37" sul e a uma longitude 41°28'01" oeste, localizada na região centro-sul do Piauí. Tem como acidentes geográficos o Rio Guaribas, o Rio Itaim e a Lagoa das Abóboras.

O Município de Picos está a 206 metros acima do nível do mar e apresenta em seu relevo inúmeros picos argilosos, que se erguem nas proximidades ribeirinhas, e as serras rochosas que dão a impressão de que a cidade está localizada numa cratera, fazendo surgir os denominados baixões agrícolas piauienses. O município conta ainda, com cursos naturais de água. Dentre eles podem-se citar: Rio Guaribas (curioso lembrar que, ao contrário dos demais rios piauienses, que cortam seu relevo no sentido sul-norte ou sudeste-noroeste, este faz o sentido oposto, ou seja, norte-sul, até suas águas encontrarem o rio Itaim), Riacho Vermelho, Riacho dos Macacos, Além de possuir o maior lençol freático na região.

A população da cidade de Picos em 2010 era de 73.414 habitantes (Censo Demográfico IBGE 2010), sendo que 58.307 na zona urbana e 15.107 na zona rural, caracterizando assim a terceira maior do Piauí perdendo apenas para a Capital Teresina e Parnaíba. Possui uma densidade demográfica de 137.23 hab./km².

Os dois primeiros anos da República (1889 a 1890) foi um período de caos total no Piauí, o processo de transição política acontecia e a presença firme do coronelismo estavam com os dias contados, os militares tomaram o poder no país, pelo menos era o medo dos coronéis, sem contar que o município iniciava o processo de emancipação política em meio a esse caos em que se passava todo o Estado, sendo que, esse período foram os mais agitados em Picos, registrando-se o escapamento do Juiz da Comarca e a prisão do padre Benedito Portela Lima segundo relatos históricos eram um dos simpatizantes ao processo de mudança político e democrático.

A política administrativa na cidade de Picos começou ainda no período de transição de vila para a categoria de cidade no ano de 1890. A forte presença política do coronelismo marcou os primeiros anos da República em todo o Estado, os primeiros representantes eram oriundos da oligarquia que controlava a política em todo o Piauí, o que aconteceu até 1945 com a ascensão de Getúlio Vargas ao poder com a criação do Estado Novo. Nos anos de 1920 começa a insatisfação popular nos locais onde a presença política oligárquica era muito forte e presente.

Os coronéis tinham bastante influência política, com o medo da política da derrubada do Governo de Floriano Peixoto e a criação da Constituição Piauiense em 1981 no Governo Estadual de Gabriel Luís Ferreira, a política local inicia um processo de "eleição" através da "indicação de sucessor político".

A Câmara Municipal teve como primeiro presidente o coronel Clementino de Sousa Martins, filho do legendário piauiense Major Manoel Clementino de Sousa Martins, herói da Balaiada, exerceu, também o cargo de Prefeito (intendente) por dois anos.

No ano de 1892 foi realizada a primeira eleição para prefeito, quando transferiu o cargo para Helvídio Clementino de Sousa Martins (filho de Clementino de Sousa Martins), passando a ser o primeiro prefeito de Picos pelo voto direto. As **Leis Provinciais e Estaduais foram:** 1851- Já bastante desenvolvida, a elevação do povoamento à categoria de freguesia deu-se a invocação de Nossa Senhora dos Remédios, através da Resolução Provincial Nº 308 de 11 de setembro de 1851. O seu primeiro pároco foi o padre José Dias de Freitas. Em 1855- devido ao constante crescimento da freguesia, foi desmembrado de Oeiras, mais anexado ao seu Judiciário (Comarca de Oeiras). Foi elevado à categoria de vila através da Resolução Provincial Nº 397 de 20 de dezembro de 1859. No ano de 185- como a Lei Provincial Nº 468 de 1859, o tempo judiciário de Picos foi desmembrado da Comarca de Oeiras, anexando-o a Comarca de Jaicós e assim permanecendo até o ano de 1889. Sendo então desanexada a Comarca de Picos juntamente com o município de Patrocínio, hoje, Pio IX. Em 1889 pelo Decreto de 28 de dezembro de 1889 é instalada a Comarca de Picos pelo seu primeiro Juiz de Direito, Dr. João Leopoldino Ferreira, tendo como promotor o coronel Josino José Ferreira. em 1890 a elevação da vila à categoria de cidade verificou-se através da Resolução Estadual Nº 33 de 12 de dezembro de 1890, assinada pelo então chefe de Governo Estadual João da Cruz Santos o Barão de Uruçuí, desmembrando de Oeiras.

Quando da divisão administrativa verificada em 1993, o município de Picos apresentava-se com 2 (dois) distritos, sendo o 2º de Patrocínio, hoje Pio IX.

A cultura de Picos é muito rica em diversos aspectos tais como:

- **Danças Folclóricas**

Geralmente essas danças ocorrem em conjunto com algumas festas tradicionais religiosas: Reizado, São Gonçalo, Cavalo Piancó, Dança do Congo, Passeata, Queima de Judas e as Quadrilhas Juninas.

- **Escrita**

No município de Picos também existem Academias de Letras que destacam o contexto intelectual dos picoenses. Dentre elas a ALERP (Academia de Letras de Picos) e a UPE (União Picoense de Escritores). Nesse contexto intelectual escrito é exposto ao público livros, versos, poemas, poesias, literatura de cordel e diversos contos. Destacam-se na área vários escritores como: Fontes Ibiapina, Vilebaldo Rocha, Ana Maria Coutinho, Eliane Madeira Moura Fé Dantas, Mundica Fontes, Célia Neiva, Barra Azul, Zé Santos, entre outros.

- **Música**

Aqui encontra-se uma riqueza em relação a músicos e compositores, alguns até conhecidos em território nacional, o município é composto por pessoas apreciadoras da boa música regional, não é a toa que é muito comum encontrar locais de socialização de pessoas ter um músico ou compositor expondo suas obras. Dentre os principais artistas, músicos e compositores se destacam: Manuel da Costa Moura, Filandro Portella, Odórico Carvalho, Zé Armando, Elis Marina, Monise, Suely Rodrigues, Flavenildes, Marcelo Rufino, Ivonildo do Nordeste, Wilson Seixas, Juliana Guedes, Vinícius Luz, entre outros.

- **Artes Plásticas**

Destacam-se: Mundica Fontes, Wilson, Naza e Tácito Ibiapina.

- **Artesanato**

Artes com palha, couro, madeira, barro, bordado, tricô, ponto cruz e vagonite.

- **Dramaturgia e Teatro**

O município de Picos não possui teatro, a maioria das peças são encenadas em escolas ou em manifestações culturais realizadas pelas instituições educacionais ou particulares da cidade. Um dos grupos de teatro que se destaca é o Projeto Bar Cultural comandado pelo ator e diretor Sávio Barão.

- **O Desfile de 7 de setembro**

Comemorado aqui no município de Picos na "Semana da Pátria" e realizado no feriado de 7 de setembro, é um desfile que todo o ano é apreciado por diversas pessoas que vão a avenida marcar presença como público. No desfile são apresentados os militares do 3º Batalhão de Engenharia e Construção, policiais e bombeiros militares, escolas estaduais e municipais entre outros. Sempre é marcado pela presença do prefeito municipal, lideranças militares e políticas convidadas. Um fato marcante foi a passagem da maior referência nordestina, O Rei do Baião Luiz Gonzaga que a convite de amigos maçons veio ao município de Picos no ano de 1984 participar do desfile de 7 de setembro, após isso houve uma confraternização no Recanto dos Maçons.

- Catedral de Nossa Senhora dos Remédios (em estilo neoclássico).
- Morro da Mariana (onde se tem uma vista panorâmica da cidade, além variados restaurantes e pizzarias e, sobretudo, a maior característica da cidade, que tem a maior concentração urbana vivendo em encostas ou sobre morros do Estado do Piauí).
- Igreja do Sagrado Coração de Jesus - "igrejinha" (a primeira igreja da cidade de Picos).
- Museu Ozildo Albano (com peças e gravuras que retrata a história da cidade).
- Feira-Livre (uma das maiores feiras livres do Piauí e do Nordeste - a diversidade de produtos comercializados serve de atrativo).
- Prainha do Rio Guaribas.
- Barragem de Bocaina (cidade vizinha).

Em relação a religião, o município de Picos possui várias denominações cristãs:

- **A Religião Católica Apostólica Romana**

A história da Igreja Católica na região de Picos dá-se antes da origem da cidade. A primeira igreja construída no ano de 1828 pelos descendentes dos Borges Leal juntamente com a Família Moura Fé foi a Capelinha de São José (atual

Igrejinha do Sagrado Coração de Jesus), posteriormente recebendo a denominação de "São José das Botas", em devoção dos vaqueiros da região, pois sua representação fazia com a vestimenta de vaqueiro.

Entre os anos de 1847 a 1871 dá-se o processo da criação da Igreja Matriz na cidade de Picos, desde a chegada da Imagem de Nossa Senhora dos Remédios em 31 de dezembro de 1847 trazida por um escravo a pé da Bahia, em troca ganharia sua liberdade, até a construção da Igreja Sede no ano de 1871 por ato do padre José Antônio Maria Pereira Ibiapina (conhecido por Frei Ibiapina). Atualmente ela é conhecida como um dos maiores e mais belos templos católicos do Nordeste, sendo eleita a 2ª Maravilha do Piauí.

Criada a Diocese de Picos, por Ato do Papa Paulo VI, em 20 de novembro de 1974, foi a Matriz elevada à categoria de Igreja Catedral de Nossa Senhora dos Remédios, em 21 de setembro de 1975. Depois, em 15 de agosto de 1976, o então Núncio Apostólico no Brasil, Dom Carmine Rocco, consagrou a referida Catedral, que antes fora benta por Dom Edilberto Dinkelborg, então Bispo de Oeiras.

O primeiro Bispo de Picos foi Dom Augusto Alves da Rocha, que ficou por mais de 26 anos, havendo tomado posse em 21 de setembro de 1975 e saído em 29 de dezembro de 2001. No ano de 2002, o município de Picos estava sem Bispo, tendo como administrador diocesano o Padre Francisco Bezerra Neto, teve como sucessor o Bispo D. Plínio José da Luz.

O município de Picos conta ainda com o Seminário menor São José, da Diocese, criado em 17 de março de 1992, já tendo sido Reitores o Padre Hermeto Mengarda em 1992, o Padre Francisco Pereira Borges em 1993, o Padre José Frazzani de 1994 a 2000, e, a partir de 2001, o Reitor está sendo o Padre Sebastião Santos, já havendo recebido sua formação no próprio Seminário. São algumas das principais Igrejas Católica Apostólica Romana: Igreja Matriz Nossa Senhora dos Remédios (catedral), Igreja de São Francisco de Assis, Igreja de São José Operário, Igreja do Sagrado Coração de Jesus.

O município de Picos apresenta o terceiro maior PIB do Estado (dados IBGE 2004), sendo que a região fiscal de Picos arrecada mais que as regiões fiscais de Parnaíba, Floriano e Campo Maior juntas. Perdendo apenas para a região fiscal da Capital Teresina. Na cidade de Picos encontra-se uma das maiores frotas de veículos per capita do país, haja vista que o município possui em média um

automóvel para cada três pessoas. São 25.569 veículos motorizados para 71.000 habitantes, dados de 2006.

3.3 História e Memória das enchentes em Picos na década de 1960

No ano de 1960, mais precisamente no mês de março, o município de Picos-PI, juntamente com inúmeras outras cidades piauienses, receberam uma grande quantidade de chuva que causou imensos prejuízos a população dessa cidade. Assim, nessa parte do estudo, far-se-á uma análise documental das imagens que mostram a enchente que a cidade de Picos sofreu na década de 1960. De acordo com o trabalho de Rodrigues (2011, p. 10) a enchente ocorreu, sobretudo, pelo transbordamento do Rio Guaribas que veio a provocar uma situação de calamidade social e tristeza, quando se observou que o aumento das “águas de março” avançava, alagando e destruindo ruas, casas e sonhos, ao desabrigar pessoas e, com isso, espalhar o sofrimento que até hoje permanece nas lembranças de quem vivenciou o período.

De acordo com essa autora, ressalta-se que

A importância deste fenômeno que não foi apenas climático, mas, também social, e suas consequências, tristes e incalculáveis, para as pessoas que perderam seus bens, materiais e imateriais, bem como parentes e amigos ainda é um assunto que, corriqueiramente, faz-se presente entre as conversas de conhecidos que relembram o episódio com certo pesar. Além das conversas, existem algumas fotos que mostram a dimensão das enchentes de março de 1960 em Picos, que marcou a história e a memória dos atores sociais que vivenciaram a catástrofe (RODRIGUES, 2011, p. 10)

Como se pode ver, pelo exposto acima, a enchente de Picos, foi um fato atípico que a sociedade dessa cidade vivenciou na década de 1960 não somente por razões climáticas, mas devido aos danos que esta acarretou e os prejuízos que desse fenômeno adveio, sendo um marco para a população dessa cidade, já que até então não se havia visto nada que se assemelhasse a tal situação.

De acordo com Barros (2007, p. 9) é bem verdade que a cidade é um campo de estudo que a cada dia ganha mais destaque nos espaços acadêmicos. Embora presente desde trabalhos antigos, por muito tempo a cidade não foi analisada levando em consideração as diversas formas das quais pode ser estudada, ficando a cargo de ser “pensada e sentida por poetas, cronistas, romancistas, teólogos,

arquitetos e filósofos”. E de acordo com Rodrigues (2011, p. 15) foi a partir da Nova História Cultural que a cidade ganhou mais destaque entre as pesquisas, passando a ser problematizada e estudada de forma interdisciplinar, sendo útil o diálogo com as outras áreas do conhecimento, tais como antropologia, literatura, sociologia e arquitetura, além de outras.

Assim, a autora enfatiza que por muito tempo, a cidade foi estudada sob uma perspectiva quantitativa e evolutiva, cujo interesse era o de fazer uma “[...] descrição da História de uma cidade, retrazendo sua evolução, arrolando dados, nomes, retrazendo seu crescimento e sua evolução urbanística [...]”. (PESAVENTO, 2004, p. 77 APUD RODRIGUES, 2011, p. 15). Assim, a autora conclui este pensamento afirmando que diante desta abordagem econômica e social, segundo a autora citada, não fazia uma reflexão sobre o fenômeno da urbanização em si, não tinha compromisso teórico, por isso mesmo, deixou de lado o estudo da cidade a partir da produção ou da ação social.

Em análise ao trabalho de Rodrigues (2011, p. 15) a autora destaca que não se pode deixar de ressaltar que, de fato, nos últimos anos, admite-se que o estudo da cidade não permite somente a análise do seu lado material, mas da possibilidade desta ser analisada também sob o viés dos sonhos e dos medos de sua população, o que pode também levar a refletir acerca das relações diárias de seus cidadãos. e partindo disso, Rodrigues destaca o pensamento de Pesavento (2004, p. 8) ao pontuar que “é materialidade uma vez que ela é pedra, tijolo, ferro, vidro, madeira, cimento, aço, plástico; ela é também sociabilidade, pois é impossível refletir sobre a cidade sem considerar as relações sociais, sem interação.”

Assim, considerando que a cidade enquanto objeto de estudo pode ser analisada por meio de diversos elementos, Rodrigues (2011, p. 15) afirma que

Os vários aspectos através dos quais se pode estudar a cidade a transformaram num campo de estudo riquíssimo e importante, pois possibilita a análise da organização da vida urbana, bem como a representação e o imaginário cidadão saindo do antigo modelo, em que era analisado apenas o aspecto econômico e político, numa abordagem tradicional e marxista.

Com base nisso, para a História a cidade tem importância crescente, já que estes elementos dos muitos que pode levar a outros estudos se configuram como um campo vasto e rico de fonte de estudos, não somente no aspecto físico da

cidade, mas do ponto de vista pessoal das pessoas que a compõe, sendo relevante reconhecer o que está dentro do imaginário destas.

Inegável é que a cidade tem o poder de se fazer notável e de contar a sua História (RODRIGUES, 2011, p. 17) essa autora afirma que,

Tendo como referência a cidade de Picos, podemos citar sua praça central, a Félix Pacheco. A praça era uma das principais áreas de lazer dos picoenses nas décadas de 1950 e 1960. Um ambiente arborizado, belo e sociável. Foi lá que muitos casais se conheceram e começaram a namorar. Todavia, devido ao processo de “fazer” e “refazer” da cidade de Picos a partir das reformas do espaço urbano, a Praça Félix Pacheco foi perdendo a estrutura física dos anos 1950-60, assim como novos prédios foram construídos e reformados ganhando uma nova arquitetura.

Partindo dessa fala, observa-se que a história se faz presente a partir de um marco da cidade ou de vários destes elementos que se tornam objetos de estudo e que traz sua contribuição, como destaca a autora o caso da Praça Félix Pacheco que se tornou uma das principais áreas de lazer da população picoense nas décadas de 50 e 60. Assim, Gravina (2010, p. 1) acerca disso diz que:

As cidades são, por excelência, um fenômeno cultural, uma criação humana como outra de suas obras. É na materialidade das formas urbanas que encontramos sua representação como ícone, isto é, pela verticalidade das edificações, seja pelo espaço construído, pela malha de ruas e vias a entrecruzar-se. Pela forma visível, ela é reconhecida, e o visitante rapidamente conclui estar diante de um fenômeno urbano, distinto da realidade rural.

Nesse sentido, alguns locais das cidades são materiais urbanos de grande valor cultural onde se reconhece ou se caracteriza aquele espaço e se dão as representações que, aos olhos são visíveis.

Em uma das inúmeras concepções de cidade que os autores dessa temática tratam pode-se destacar que também é possível estudar o espaço urbano observando-o como um “sistema” (RODRIGUES, 2011, p. 18). Sendo assim, a referida autora assevera que diante dessa perspectiva, seria relevante levar em consideração todos os detalhes da vida urbana, uma vez que se sabe que a cidade é constituída por casas, bares, Igrejas, escolas, e outros espaços. Nessa direção, esses elementos constituintes da cidade formam a junção que nas palavras de José D Assunção Barros os classificam como “sistema”, advertindo “que não [se] deve desprezar os aspectos que transformam a cidade em um grande sistema integrado”.

(BARROS, 2007, p. 39 APUD RODRIGUES, 2011p, 18). Por fim, Rodrigues (2011, p. 18) diz que “em outras palavras, todos os componentes de uma cidade a completam e para se ter um bom estudo sobre ela todos os componentes devem ser analisados”.

Para Renato Duarte (1991, p. 17) a cidade de Picos no final da década de 40 e início dos anos 50 já formava um pequeno núcleo urbano que se adequava ao meio rural.

Foi na década de 40, mais precisamente no ano de 1948 que o Padre José Inácio de Jesus Madeira, o vigário da cidade, resolveu iniciar essa construção para erguer no mesmo local um novo templo. Duarte (1995, p. 104) diz que “não houve oposição á iniciativa do Padre Madeira de demolir a igreja velha”. Ao contrario, assevera Duarte (1995, p. 104) que “houve apoio popular á construção da nova igreja”. Dessa forma, o Padre Madeira conseguiu mobilizar todo povo da cidade induzindo os a engajar-se nessa tarefa que segundo destaca Duarte (1995, p. 104) era, sob todos os aspectos monumental “e que atualmente figura entre os maiores templos religiosos do Nordeste.

Embora cada sociedade pertencente a uma mesma região possuam suas singularidades, características desenvolvidas ao longo de sua história. A rotina peculiar que se encontra em aglomerações do sertão nordestino, se encontra em cidades como Picos, em especial o seu lado religioso.

A cidade de Picos, assim como outras cidades criadas ao longo do sertão de dentro cresceram de fazendas criadoras de gado, onde a agricultura era voltada apenas para sua subsistência, seus Senhores eram convictamente católicos apostólicos romanos, veneravam imagens, construía capelas, davam esmolas, faziam de tudo que ordenava a Santa Igreja. Eram supersticiosos, no entanto por índole, já pelas solidões que os cercavam. Vizinhos de fazendas jesuítas, essas superstições, se acentuaram através do contato com o negro e o índio domesticado, fatalistas aceitavam os acontecimentos como premio ou castigo de Deus (ALBANO, SILVA, 2011).

Rodrigues (2011, p. 22) diz que devido ao município de Picos está situada em uma região semiárida, a população aproveitava as áreas favorecidas pelas águas do rio para a plantação e cita Duarte (1991, p. 18) que afirma:

Alguns trechos correspondentes a propriedades particulares, eram dedicados a culturas de vazante realizadas durante o verão, como alface, coentro, cebolinha, cebola e, sobretudo o alho, de que o município chegou a ostentar, por vários anos, o título de maior produtor nacional. (DUARTE, 1991, p. 18 APUD RODRIGUES, 2011, p. 22)

Nesse período, como se pode observar pelo exposto acima, infere-se que existiam na cidade de Picos a cultura da vazante onde se tinha o cultivo de alimentos diversos e que para município, por muitos anos, esta foi uma verdadeira fonte de orgulho pois os solos eram férteis e propícios a estes cultivos.

O Rio Guaribas apresentava nesse período um papel relevante para a sociedade de Picos, já que apresentavam uma quantidade acentuada de plantações de alho. E foi assim que se teve por muito tempo, o cultivo do alho como uma garantia de um desenvolvimento notável na economia do município, era responsável por uma grande quantidade de empregos, pois famílias inteiras se envolviam no seu cultivo e dele tiravam o sustento para viverem (RODRIGUES, 2011, p. 23).

Rodrigues (2011, p. 23) discute com ênfase em seu trabalho acerca do crescimento da cidade de Picos naquele período de 1960 afirmando que é bem verdade que, ao passar dos anos, a população picoense cresceu de forma significativa, tornando esse município um dos maiores do estado e com expressivo aumento no comércio. Nesse sentido, tem-se o fato de que casas foram construídas sem o devido planejamento de maneira que a cidade foi crescendo sem a maior preocupação com a estrutura segura para a moradia de seus cidadãos e que levou os picoenses a esquecerem de tomar alguns cuidados com as margens do Rio, deixando-as a mercê do tempo e das transformações.

Assim, é importante destacar que houveram consequências danosas em torno do crescimento da cidade e nas palavras de Rodrigues (2011, p. 25)

a consequência desta falha apareceu de forma violenta na década de 1960, época em que a cidade desprotegida pela falta de cuidados com a sua estrutura e a falta de atenção para com o Rio Guaribas, enfrentou a maior enchente que a cidade de Picos já teve.

Assim, uma das primeiras respostas ao crescimento desorganizado da cidade foi a falta de atenção com o Rio Guaribas que trouxe um grande volume de água para cidade causando a enchente que marcou a história da cidade de Picos.

Rodrigues (2011, p. 25) enfatiza que “Picos, no ano de 1960, parecia ser uma cidade tranquila, boa para fixar residência”. Porém, esse ano de 1960 foi o ano em que os picoenses foram surpreendidos pelas chuvas que caía no município e que formaram uma grande enchente na cidade.

Não se pode negar que esse fenômeno modificou a vida das pessoas desta cidade a partir de então. Sabe-se que o crescimento das cidades nem sempre é algo planejado naquela época. Não se haviam ainda preocupações com a organização do espaço urbano, o que havia era uma espécie de crescimento desenfreado da cidade que atraía um grande contingente de pessoas. Isso implica pensar que:

Como não existiu um planejamento para a construção da cidade, a estrutura física em que a mesma foi sendo erguida era fraca e não suportou as constantes chuvas. Sem bueiros e saneamento básico adequado para que a água das chuvas pudesse escorrer, ela foi se acumulando nas ruas e passou a invadir as casas (RODRIGUES, 2011, p. 25).

Dessa forma, sem um devido planejamento, a cidade de Picos, foi se erguendo como uma cidade sem planejamento, onde a estrutura tinha característica frágil e que a princípio, não suportou o volume de chuvas recebido.

Rodrigues (2011, p. 25) ao escrever sobre a enchente de picos na década de 1960 enfatiza que “as fontes que temos para falar sobre as enchentes de 1960 são poucas”. De modo que igualmente ao seu trabalho, a escrita deste também se dá tendo como referência na pesquisa de campo, o uso das imagens, das fotografias como fontes históricas para discutir a enchente do municípios na década de 60.

Assim, enfatiza-se que considerando que as imagens “enquanto registro de algo no tempo, é testemunho de uma época”, (PESAVENTO, 2004, p.87 APUD RODRIGUES, 2011, p. 28) através dela é possível fazer uma leitura da cidade de Picos e o comportamento social de solidariedade que se configurou no período das inundações. Assim, tem-se a seguinte imagem das enchentes de Picos na década de 1960:

Figura 03: casas alagadas pela enchente de 1960



Fonte: Museu Ozildo Albano

Na imagem acima, as ruas estão alagadas pelas águas da enchente, mostrando o quanto as chuvas naquele período foram intensas e como a água se avolumou inundando casas e ruas e deixando milhares de pessoas sem suas casas.

De acordo com Albano; Silva (2011, p. 53 APUD RODRIGUES, 2011, p. 36) o dia 29 de março de 1960 ficou marcado na memória dos picoenses, visto que as águas da chuva e as despejadas pelo Rio Guaribas formaram uma enxurrada de grande força. Segundo esses autores,

Este episódio ficou guardado na memória dos picoenses como o dia da “maior enchente do Rio Guaribas de que se tem notícia, destruindo quase que totalmente a cidade de Picos”, Relembra Ozildo Albano. (ALBANO; SILVA, 2011, p. 53)

Por sua vez, Rodrigues (2011, p. 36) diz que diante da grandiosidade das destruições e da quantidade de vítimas que sofreram com as enchentes de 1960, a ação das autoridades políticas da época pode ser considerada como mínima, quando se constata que quase nada foi feito para socorrer os desabrigados das enchentes e soluções para enfrentar os problemas vivenciados pelas pessoas que perderam seus bens materiais e familiares.

Figura 04: casas atingidas pelas águas da enchente e populares observando



Fonte: Museu Ozildo Albano

De acordo com essa imagem, pode-se observar que existem algumas pessoas olhando atentamente para as casas devastadas pelas águas nas áreas que foram

afetadas pela enchente. Esta imagem leva a inferir que estas pessoas estão, sobretudo, apreensivas com a situação.

Para Rodrigues (2011, p. 27) o mês de Março de 1960 ficou na memória coletiva e individual de algumas pessoas da cidade de Picos como um dos períodos mais tristes de sua História, considerando que

O episódio das cheias era vivenciado em muitas cidades do Piauí. Tendo em vista que o Piauí é rico em áreas banhadas por rios, riachos, lagoas etc., em períodos chuvosos, devido o acréscimo das águas das chuvas em seu leito, estes se transformam num verdadeiro problema social, pois muitas pessoas são prejudicadas pelas cheias, principalmente aquelas que moram próximas das áreas de riscos.

Com esse fato que aconteceu na cidade, admite-se que as enchentes de 1960 foram notícia em muitos jornais do Piauí (RODIGUES, 2011, p. 27), não porque era uma novidade, mas pelos muitos problemas decorrentes dessa enchente e também pelo fato de que essa foi a maior enchente que a cidade vivenciou num período considerando de grande fertilidade no solo e com grandes riquezas de produtos agrícolas que o município vivenciava naquela época, já que dispunha de inúmeras plantações de alho, cebola, alface e outros produtos. Assim, a enchente de Picos no ano de 1960 foi destaque e Rodrigues (2011, p. 27) diz que O jornal *O Dia*, de Teresina, publicou em 1960, uma nota que mostra a dimensão do problema que a enchente ocasionou na cidade de Picos:

Picos foi a cidade piauiense mais duramente castigada pelas inundações. 50% de seus prédios residenciais foram destruídos e 5.000 pessoas, representando metade da população urbana, ficaram desabrigadas. Um proprietário de 118 casas ficou sem uma só. Outras cidades que sofreram graves danos foram Itainópolis e Conceição do Canindé, o mesmo ocorrendo com os povoados de Patos (Jaicós) e Aroeiras (Picos) (O DIA, 1960 APUD RODRIGUES, 2011, p. 27).

Não foi somente a cidade de Picos que foi atingida pelas chuvas e que teve enchentes, outras cidades vizinhas também, mas a situação da cidade de Picos foi a mais grave porque como mostra a reportagem acima, metade da população ficou desabrigada sendo o desabrigo apenas um dos prejuízos de que se tem conhecimento causado pela chuva

Entre várias situações que se vivenciou nesse período, Rodrigues (2011, p. 27) lista que a enchente causou um grande volume das águas que, por sua vez avançaram rumo às casas e invadiram a ruas inteiras causando nas pessoas que ali estavam tamanha surpresa e espanto, somados ainda ao medo e preocupação. Para Rodrigues (2011, p. 27) é possível até afirmar que

Muitas pessoas saíam às ruas para ver o “espetáculo” da tragédia que se configurava com o aumento das águas na cidade. Alguns consternados com a situação se prontificavam para ajudar as pessoas cujas casas já se encontravam quase totalmente alagadas.

Ressalta-se aqui que a enchente de Picos no ano de 1960 foi um fato que chamou a atenção das pessoas, algo inédito que a cidade sofreu e que por muito tempo ainda se faz presente na memória de algumas pessoas, cabendo à História o papel de historicizar esse fato e buscar compreender sentimentos que as pessoas que deste fato se lembram e o que este representa para a urbe.

Figura 05: população picoense observando as ruas alagadas



Fonte: Museu Ozildo Albano

A imagem acima mostra algumas pessoas observando as águas das enchentes e outras pessoas transitando pela água, sendo possivelmente vítimas da

destruição de seus abrigos. Certamente que essas pessoas tiveram que sair de suas casas devido ao grande volume de água e por essa razão, ficaram desabrigados. a situação de desabrigo traz para estas pessoas um conflito e por isso, se torna relevante a construção de trabalhos nessa área com vistas a compreender os sentimentos que permeiam as vítimas, pois perder tudo que se tem é uma situação que implica a ajuda e a solidariedade humana de outras pessoas que foram privilegiadas por não terem sido vítimas da enchente.

Foi considerando o estado de calamidade pela qual a cidade atravessava que se obteve a ajuda de algumas pessoas que, com o objetivo de ajudar os cidadãos picoenses a enfrentarem este fenômeno, receberam a ajuda de alguns soldados do Exército do estado do Pernambuco com carros do Exército e que foram deslocados, especialmente, para ajudar na remoção das pessoas residentes nas áreas mais críticas (RODRIGUES, 2011, p. 31) e autora finaliza seu pensamento afirmando que “embora as águas tivessem invadido as casas, os soldados tiveram que enfrentar a recusa de algumas pessoas a abandonarem suas casas”.

Reconhece-se que os problemas advindos da enchente de 1960 foram intensos e a cada dia que passava surgiam novos conflitos que necessitavam de respostas imediatas.

Na visão de Rodrigues (2011, p. 32) a exemplo disso, tem-se o fato de ter que abandonar suas casas que não era uma decisão fácil de ser tomada, pois lá se tinha uma vida construída com bens materiais e imateriais, carregados de memória e afetividade e, por isso, mesmo são visto como lugares e objetos de memória Segundo Maurice Halbwachs, (2006, p. 157 APUD RODRIGUES, 2011, p. 32)

Nossa casa, nossos imóveis e a maneira como são arrumados, todo o arranjo das peças em que vivemos nos lembram nossas famílias e amigos que vemos com frequência neste contexto. [...] Contudo, moveis, enfeites, quadros, utensílios e bibelôs circulam dentro de um grupo e nele são apreciados, comparados a cada instante descortinam horizontes das novas orientações da moda e do gosto, e também nos recordam os costumes e as antigas distinções sociais.

Um outro problema que pode ser evidenciado a partir das consequências da enchente é a saída dos moradores de suas casas , quando se passou a questionar onde se poderia abrigar tantas famílias. Assim, no estudo de Rodrigues (2011, p. 32) ela ressalta que

Uma das estratégias utilizadas pelos alagados foi contar com a sensibilidade dos que não foram atingidos, que passou a ajudá-los, cedendo cômodos de suas casas para acomodá-los. A senhora Maria Carmen Gerbasi Fonseca⁵ (2011) relata que “abrigo era só nas casas das pessoas que davam. As pessoas davam a casa pros outros morarem, pra ficar enquanto tudo passava.” [sic] A picoense e descendente de família italiana, dona Maria Carmen Gerbasi Fonseca, ainda informa que embora não tenha sido diretamente atingida pelas “águas de março” de 1960, lembra do caos que a cidade enfrentou, e que seu marido, o senhor José dos Santos Fonseca, hoje falecido, dedicou-se a ajudar as vítimas das enchentes, oferecendo inclusive sua residência como abrigo temporário.

Assim, foi fundamental o papel solidário que as pessoas que não foram atingidas pela enchente protagonizaram. Pessoas como a sra. Maria Carmem deram suas casas para os desabrigados morarem respeitando o sofrimento dessas pessoas e fazendo algo que pudesse amenizar a dor deixada pela catástrofe que foi a enchente.

A imagem abaixo mostra inúmeras pessoas que estão em meios as águas e que possivelmente estão indo em direção aos desabrigados para oferecer algum tipo de ajuda.

Figura 06: pessoas em frente as casas alagadas pelas chuvas



Fonte: Museu Ozildo Albano

Com essa imagem, pode-se compreender que a ajuda recebida pelas pessoas que ficaram desabrigadas devido a enchente veio da própria população, sendo

pouca ou nada a ajuda advinda de autoridades politica locais que deveria ter manifestado algumas ações que pudessem de alguma forma contribuir com essa nova realidade dos desabrigados, no entanto, o que se sabe é que apenas foi disponibilizados ates carros para o transporte do pouco que restaram a estes para levar de um lugar a outro.

Figura 07: casas destruídas pelas enchentes



Fonte: Museu Ozildo Albano

Essa imagem revela o quanto a cidade ficou destruída e a situação que muitas casas e ruas ficaram quando o volume de águas foi reduzido, assim como também foi reduzido o número de casas, restando apenas partes destas casas ou quase destruídas pela ação violenta das enchentes. Assim, nas imagens abaixo, pode-se perceber o cenário que a cidade ficou após essas chuvas e tamanha destruição que deixou.

Figura 08: casas destruídas



Fonte: Museu Ozildo Albano

Com essa imagem, a população ficou chocada, pois pode ter noção do tamanho da força que este fenômeno trouxe consigo. Ao cessar as águas, verificase que quase nada conseguiu se manter de pé como as poucas paredes de algumas casas como estas que são mostradas na imagem acima de uma residência localizada na Rua São José.

Figura 09: ruas destruídas pela enchente



Fonte: Museu Ozildo Albano

Nesta imagem vê-se uma rua inteira debaixo de escombros que sobraram após a enchente. Situando essa imagem na memória de seus sujeitos, infere-se que esta cena ficou fortemente marcada, uma vez que expressa a destruição e a força das águas cujos sujeitos podem argumentar que a reconstrução destas casas e ruas é algo que ficará marcado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inegável é que a década de 60 foi um marco na história, devido ao fato de que foi nessa época em que ocorreu a maior enchente de que se tem notícia. A enchente que foi causada principalmente pela cheia no Rio Guaribas acarretou à sociedade picoense não somente a tristeza pelo fato em si, mas por ter provocado uma situação nunca antes vista na cidade que, devido ao aumento das águas, destruiu casas e vidas, desabrigou centenas de famílias e trouxe lembranças aos populares que permanecem vivas até hoje na memória da cidade.

Com o objetivo de reconhecer os impactos causados pelas enchentes que aconteceram no município de Picos na década de 60, o presente estudo fez uma abordagem em torno da formação das cidades com a finalidade de observar como se deu o processo de formação da cidade de Picos. Em seguida, foi discutido em torno dos conceitos de História e Memória das narrativas, onde se enfatizou que o estudo da História local é relevante para que se possa compreender os fatos a partir de um olhar histórico.

Após isso, o estudo se debruçou em torno da análise das fotografias que retratam a enchente de Picos na década de 60. Foi a partir dessa análise que se procurou nesse estudo reconstruir uma parte da História de Picos, discutindo, a cada imagem, os sentimentos que foram vivenciados naquela época decorrentes, pois, da enchente que a cidade viveu.

Conforme se pode observar, são muitos os trabalhos emergentes na construção da história de Picos e isso é um fato animador para o campo da História tendo em vista que se expressam nestes trabalhos que pouco a pouco vão surgir e discutir os conceitos de História e Memória.

Em especial neste trabalho, discutir a enchente de Picos se tornou relevante não somente pela memória do fato, mas pelas consequências que este desencadeou e porque também se configura como um dos capítulos mais tristes da história da cidade.

Em relação ao uso das imagens, Valle, Arriada e Claro (2011) dizem que “o uso de fontes históricas é uma possibilidade que deve ser apreciada e valorizada”. Isso implica pensar que a riqueza de informações que podem ser extraídas das fontes é o que justifica o seu uso no trabalho pedagógico de várias áreas das Ciências Humanas e Sociais na medida em que estas possibilitam a ampliação do

entendimento de objetos cuja compreensão necessita de contextualização histórica e sociocultural. Por exemplo, na reconstrução de uma história vivida. Partindo disso, considera-se que:

[...] o documento escrito constitui uma fonte extremamente preciosa para todo pesquisador nas ciências sociais. Ele é, evidentemente, insubstituível em qualquer reconstituição referente a um passado relativamente distante, pois não é raro que ele represente a quase totalidade dos vestígios da atividade humana em determinadas épocas. Além disso, muito freqüentemente, ele permanece como o único testemunho de atividades particulares ocorridas num passado recente (CELLARD, 2008: 295).

Uma outra razão que vem justificar o uso de fontes é o fato que estas fontes permitem ainda acrescentar a dimensão do tempo à compreensão do social. Na visão de Cellard (2008) a análise documental favorece a observação do processo de maturação ou de evolução de indivíduos, grupos, conceitos, conhecimentos, comportamentos, mentalidades, práticas, entre outros.

Para Valle, Arriada e Claro (2011, p.)

Levando em consideração tal aspecto, percebe-se que o professor de História deve buscar fontes que viabilizem o seu contato com as experiências que já se consumaram ao longo do tempo. Fora desse tipo de ação, sua aula fica sujeita à produção de suposições e julgamentos que fogem ao compromisso do historiador em conferir voz ao tempo que ele observa e pesquisa. Sendo assim, as fontes históricas aparecem como elementos de suma importância em tal caminhada.

Não necessariamente que quem deva fazer o uso das imagens sejam somente os professores de História, mas o Historiador, na condição de sujeito que reconstrói a partir de suas fontes uma determinada parte da História.

REFERENCIAS

ALBANO, Maria da Conceição Silva; SILVA, Albano. Picos nas anotações de Ozildo Albano. Picos, 2011. BARROS, Jose D.Assuncao. Cidade e historia. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

CORREA, Roberto Lobato. O espaço urbano. 3. imp. 4. ed. 1999.

DUARTE, Renato. Picos: os verdes anos cinquenta. Recife, PE: Liber, 1991.

_____. A reconstrução de uma cidade: plano de desenvolvimento para Picos. Teresina: Comp. Ed. do Estado do Piauí, 2002.

FERREIRA, Pires Jurandyr. *Enciclopédia dos municípios brasileiros*. IX volume, Rio de Janeiro, 1959, p. 570-574.

GRAVINA, Darisa Leonora de Matos. A cidade invisível: uma cartografia simbólica do Rio de Janeiro pela ficção de Machado de Assis. 2010. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp155318.pdf>>. Acesso em 30 maio 2011.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Vertice, 1990.

_____. A memória coletiva. [Trad. Beatriz Sidow]. São Paulo: Centauro, 2006.

LE GOFF, Jacques. História e memória. 5. ed. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 2003.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. [Tradução: Yara Aun Khoury]. Proj. História. São Paulo, 10 de dez de 1993.

O DIA, n. 759, Teresina, 31 mar 1960

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e história cultural. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PICOS. Disponível em: < <http://www.picos.pi.gov.br/conhecaticos.asp#1>> acesso em 25 jun. 2010

PICOS. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Picos>> acesso em 25 jun. 2010

REVISTA FOCO. 111 Anos Picos, Nossa História. Picos: Comemorativa, 2001

ROLNIK, Raquel. O que é cidade. São Paulo: Brasiliense, 2004. (Coleção primeiros passos; 203)

RODRIGUES. Lídia Bruna Albuquerque. Cidades Sob As “Águas de Março: Picos 2011.



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
() Dissertação
(X) Monografia
() Artigo

Eu, SÍLVIO JOSÉ ALVES GOMES BEZERRA, autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação **MEMÓRIAS EMERGENTES: OS IMPACTOS CAUSADOS PELAS ENCHENTES NO MUNICÍPIO DE PICOS NA DÉCADA DE 1960** de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 03 de MARÇO de 2015.

Sílvio José Alves Gomes Bezerra
Assinatura

Sílvio José Alves Gomes Bezerra
Assinatura